

## O PROBLEMA DOS PRÉ-JUÍZOS NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

**Diones Augusto Ribeiro** (Doutor em História e professor EBTT Ifes)

**Weksley Pinheiro Gama** (Doutorando em Filosofia - UFRJ)

### RESUMO

O presente escrito precisa ser precedido por uma justificativa devido ao fato de passar ao largo do tema proposto no resumo enviado na ocasião da inscrição para o evento. Tal mudança temática se justifica pelo fato de, diante da possibilidade de estabelecer diálogos, premissa hermenêutica de grande valia na obra gadameriana, não seria possível deixar de trazer para a discussão uma temática que não tem sido objeto de muitas problematizações nos eventos voltados para o trato com a hermenêutica. Uma das poucas exceções ocorreu quando o professor Celso Braidia abordou a temática da *compreensão hermenêutica e a suspeição genealógica*<sup>1</sup>, visando, a partir de Ricoeur, efetivar uma aproximação entre hermenêutica e genealogia e uma consequente retirada da importância da fenomenologia na problemática hermenêutica. Não visamos aqui retirar a importância da fenomenologia, mas no que tange à aproximação entre a genealogia nietzschiana e a hermenêutica, consideramos algo cabível e fecundo.

As discussões subsequentes visam abrir caminhos para que a problemática filosófica em torno do pensamento de Nietzsche e Gadamer possam aparecer sob a perspectiva de um diálogo desde a tradição filosófica da qual emergiram as reflexões destes grandes filósofos. Assim, o artigo que aqui se inicia, se limitará a uma breve demonstração da reabilitação dos preconceitos (pré-juízos) efetivada por Gadamer, para em seguida partir para a lida com o pensamento nietzschiano, visando verificar a possibilidade de que algumas das noções do filósofo de Sils Maria seja aproximada da noção hermenêutica de *pré-juízo*, tão cara à Gadamer.

---

<sup>1</sup>Braidia, Celso. Compreensão hermenêutica e suspeição genealógica. Peri, revista de filosofia. 2016.

## I - Gadamer e a reabilitação dos *pré-juízos*

Ao falarmos a respeito da noção de pré-conceito atualmente, precisamos, sem embargo, nos remetermos a figura do grande precursor desta problemática de acento hermenêutico nos últimos anos: Hans Georg Gadamer. Nesse sentido, tendo em vista o relevante resgate e redirecionamento quanto à prática hermenêutica efetivado por este pensador como desdobramento das proposições principais de Heidegger, percebemos uma predileção irrefreável, por parte de ambos, de se pautar pelas críticassurgidas na filosofia contemporânea como oposições frontais às noções balizadoras do pensamento metafísico calcado na racionalidade subjetiva moderna. Tais críticas se voltam para as supostas certezas alcançadas pelo sujeito pensante e para os métodos adotados para atingir segurança a partir da aceitação do sujeito como estrutura transcendental desde onde ocorre toda a compreensão relativa ao mundo.

No tocante a estas críticas, e tendo como prerrogativa uma continuidade do diálogo entre os distintos horizontes desde os quais se mostra a tradição filosófica, Gadamer buscou depurar os procedimentos compreensivos implementados em nosso tempo do que chamou de *preconceito contra os pré-juízos*. Nesse contexto, tanto a palavra *preconceito* quanto a palavra *pré-juízo* se referem ao termo alemão *Vorurteil*. Lançamos mão de palavras distintas para a mesma expressão para destacar a carga negativa que, no uso comum na língua portuguesa falada no Brasil, a palavra *preconceito* carrega. Esse recurso parece corresponder ao que Gadamer indica com relação ao descrédito atribuído aos *pré-juízos* a partir da *Aufklärung* (Ilustração) moderna. Mas, em última análise, as duas expressões indicam, segundo o sentido adotada aqui, juízos tomados previamente, que servem de parâmetro para ações interpretativas e práticas que se amparam numa compreensão subjacente que sempre se decorre de estruturas que nos antecedem e nos fundamentam. A partir deste ponto do presente escrito, utilizaremos, os termos *pré-juízo* e *preconceito* em via de regra, para caracterizar os juízos prévios.

Em parte significativa de sua obra, Gadamer buscou efetivar a

reabilitação dos *pré-juízos* (*Vorurteil*). Essa reabilitação é um passo fundamental em seu empreendimento filosófico, pois segundo as afirmações do filósofo estamos sempre amparados por noções que nos antecedem, negar isso – tal como passou a acontecer a partir do mito da razão esclarecedora moderna alçada a condição de *iluminadora* da realidade independente de qualquer limite situacional – é negar um aspecto incontornável e fundamental do processo de busca pelo entendimento da realidade. “A compreensão implica sempre uma pré-compreensão que, por sua vez, é prefigurada por uma tradição determinada em que vive o intérprete e que modela os seus preconceitos”.(Gadamer, *O problema da consciência histórica*. 2003, p. 13). Esta afirmação de Gadamer é bastante clara e se vincula a uma ceara de questões que o filósofo abordou durante boa parte de sua caminhada filosófica. De certo que seria possível desdobrar estas noções quanto ao pensamento gadameriano de diversas formas, o que implicaria uma leitura mais demorada para que, diante de um exame minucioso, fiquem em relevo uma diversidade maior de contribuições que este pensador nos legou. No entanto, no presente escrito, nos limitaremos às exposições feitas de modo abreviado até aqui.

Não se pode negar que existe a possibilidade de que sejam destacadas muitas evidências de que Nietzsche e Gadamer enfrentaram questões semelhantes e utilizaram estratégias de abordagem que se aproximam. Assim como seria possível enxergar uma distância significativa entre estes pensadores, a medida que Gadamer declara, em diversos momentos de sua vida, que aceita e concorda com o enquadramento que Heidegger dá para Nietzsche apontando-o como o pensador que consuma o pensamento metafísico, levando este pensamento às últimas consequências e abrindo a possibilidade de que seja superado, o que seria a tarefa do pensamento a partir de então. Mas não nos deteremos na problematização de cada aspecto que possa fundamentar a proximidade ou distância entre estes filósofos, apesar de tratarmos da noção *preconceito* (*pré-juízo*) que é cara a ambos, as palavras que se seguem devem servir, grosso modo, como indicação da possibilidade de que exista um belo e profícuo campo de problematização para refletirmos a partir destes dois

pensadores, sendo, inclusive, mantida a possibilidade da aproximação entre os mesmos, o que não intentamos afirmar cabalmente e nem, tampouco, negar, mas apenas deixamos esta via de pensamento aberta para que possa ser melhor tratada em outras oportunidades.

## II - Nietzsche e a crítica aos balizadores da cultura ocidental

Na esteira das críticas tecidas por Nietzsche aos modelos instituídos desde a racionalização da realidade, o filósofo evidencia que este processo é calcado em crenças injustificáveis que foram forjadas através da sacralização de algumas práticas enquadradas na fictícia órbita subjetiva. Em torno do centro gravitacional subjetivo, todos os modos de compreensão da realidade ganham sentido arbitrariamente, pois os mais diversos aspectos da existência perdem sua plasticidade diante do olhar nivelador de todos os que se mantêm subservientes a lógica instituída. Nesta perspectiva, toda diferença se desfaz na arbitrária imposição das compreensões prévias.

E, não obstante, o pensamento de Nietzsche é um grandioso monumento em construção que engendra movimentos e perspectivas que colocam em questão a hegemonia das noções correlatas a esse projeto nivelador que foram forjadas na *démarche* histórica. A força crítico-genealógica<sup>2</sup>, que é uma estratégia marcante no pensamento de Nietzsche, mantém as ideias do filósofo em plena expansão, tendo em vista os efeitos das afirmações desconcertantes do mesmo. Isso não deve ser surpresa para o

---

<sup>2</sup>Com a expressão *crítico-genealógica*, estamos nos referindo ao esforço teórico do pesquisador e tradutor da obra de Nietzsche Jorge Luiz Viesenteiner de demonstrar o que chama de argumento autogenealógico. Este empreendimento se encontra no volume 20. n. 2 de 2015 dos Cadernos de Filosofia Alemã: crítica e modernidade, da USP. Com o seguinte título: *A estrutura semântica e formal do argumento autogenealógico em Nietzsche*. Tendo em vista que Nietzsche jamais empregou tal expressão, Viesenteiner indica a possibilidade de “compreender o conceito de genealogia em registro crítico, em necessária conexão com uma práxis interrogativa fomentadora de um distanciamento metódico, cuja correlação amplia a margem de atuação do conceito de genealogia, autorizando seu emprego não apenas à moral, mas também em relação à tradição filosófica da verdade e inclusive em relação à autocompreensão genealógica de si mesmo”. (VIESENTEINER, 2015, p. 01-02). Esta menção se faz relevante porque em nosso percurso pretendemos deixar claro que, ao lidarmos com nossos preconceitos morais desmistificando-os, estamos trilhando um caminho que pode nos levar a uma autopoiesis que se dê livre dos artigos de fé que nos limitavam anteriormente, o que, no entanto, é pressuposto no argumento autogenealógico.

leitor mais atento, pois em cada argumentação Nietzsche demonstra que seu pensamento se constitui como aberto dialogicamente àquele que se dispõe ao papel de leitor sem se determinar por premissas impositivas que, de certo, passam ao largo de um movimento dialógico pautado pela alteridade junto ao texto. Não seria nada forçoso indicar que a atitude desse leitor corresponde a atitude solicitada por Gadamer na relação com aquilo que se intenta interpretar. Assim, ao lidarmos com os efeitos das palavras provocativas que permeiam a obra nietzschiana, podemos notar um reforço na densidade das críticas tecidas por Nietzsche, pois seguem acesas por mobilizarem as nossas mais íntimas convicções que muitas vezes não se sustentam diante de tal força desmistificadora, o que é bastante positivo e motivador, embora muitas vezes desconcertante. Sobre as demandas do processo de interação com a obra de Nietzsche, Waddington nos oferece uma assertiva que auxilia bastante na relação com o que a obra do filósofo nos impõe, pois

“O texto de Nietzsche é o lugar da máxima radicalização da hermenêutica da suspeita e, como tal, reivindica do intérprete que compareça como o *versucher*, disposto a depor suas certezas e despir-se de suas crenças, para aventurar-se na interpretação, assumida como enfrentamento em que coloca o todo da própria vida em risco”. (WADDINGTON, 2000, pag. 203).

Desse modo, os empreendimentos nietzschianos abrem espaço para uma completa revisão das bases do edifício moderno, tendo em vista que, ao colocar em questão o *valor dos valores*, fragiliza as certezas que, ao perderem seu valor de intocabilidade, podem ser retiradas do papel de mecanismos insuperáveis e, com isso, são abertos espaços para novas nuances da realidade que permaneciam encobertas por serem subjugadas. Esta abertura decorre da assunção de que “tudo veio a ser; *não existem fatos eternos*: assim como não existem verdades absolutas. – Portanto, o *filosofar histórico* é doravante necessário, e com ele a virtude da modéstia”. (HDH, Af. 2 – Prólogo. Nietzsche, 2000, pag. 16).

Assim, o pensamento nietzschiano vai além da contraposição quanto aos valores vigentes ao não se limitar a simples oposição, mas coloca em

questão o que está no fundo, no princípio, sendo o desde onde foram efetivadas cada uma das certezas que vieram a ocupar determinadas posições, dando ênfase tanto à contextos quanto à desejos, aspirações ou angústias que impulsionaram a concepção de tais certezas e a elevação destas ao grau de verdades inquestionáveis, demonstrando uma clara falta de modéstia. Nessa direção, o filósofo indica que um dos instrumentos mais celebrados da modernidade, – a razão – ao ser exposta à acidez de seu pensamento, rapidamente perde seu grau de entidade inviolável. Vejamos a afirmação de Nietzsche a esse respeito: “*Razão* – Como veio a razão ao mundo? Como é justo, de maneira irracional, por um acaso. Será preciso decifrá-lo, como um enigma”. (Aurora, Af. 123, Nietzsche, 2004, pag. 94). Enfatizando, portanto, que a razão não é nada além de um fruto do acaso, Nietzsche indica sua origem acidental e, nesse sentido, denuncia a impossibilidade de tomarmos tal atributo como uma verdade incontestável e um instrumento para corrigir plenamente a realidade humana. A razão não serve como meio para a instauração de verdades últimas, posto que, ao observarmos a razão a partir desta ótica que Nietzsche nos fornece, ela deixa de ser algo especial e passa a ser vista como casual, acidental, apenas mais um fruto, entre outros, de perspectivas possíveis.

Nietzsche também não advoga pela instauração de novas tábuas valorativas, mas, ao contrário, se coloca a serviço de uma verdadeira abertura ao por vir, àquilo que não se pode medir ou enquadrar previamente, pois ao abandonarmos nossos artigos de fé que nos mantêm amparados e receptivos à monotonia da aplicação de entendimentos e conceitos, nos lançamos em território desconhecido, tal aventura pode nos levar a lidar com nossa realidade sem as dicotomias que nos violentam intimamente, mesmo sem que isso não aparece como conteúdo patente.

### **III - A moral cristã como invenção: perspectiva, ocasionalidade e finitude**

Para colocar a descoberto de modo inquestionável todo esse cenário, Nietzsche volta suas proposições para a moral cristã, fazendo apontamentos certos que mostram a gênese disso que deve ser visto, ao aderirmos às

suas assertivas, como um erro. O filósofo demonstra a gênese desse erro ao remeter a origem destes à Platão, que cometeu, segundo Nietzsche, um erro fundamental: “(...) a invenção platônica do puro espírito e do bem em si”. (ABM – Prólogo, Nietzsche, 1992, pag. 8). A medida que este erro foi aceito como verdade inviolável, a realidade passou a se ocupar apenas do enquadramento repetitivo do humano e de suas práticas nos parâmetros advindos das premissas forjadas desde a certeza da possibilidade de atingirmos conhecimentos últimos e, por isso, invioláveis. Presumindo ser possível atingir a inteligibilidade quanto a todos os aspectos do real *em si*, na essência última de todas as coisas, não deixando espaço – a não ser como algo inferior ou até deplorável – para tudo que não se enquadrasse no que fora definido como o bem em si pelo pensamento efetivado a partir de tal *invenção* de Platão. Assim, toda a realidade, tanto o homem quanto os aspectos externos a este, passaram a obedecer às formulações prévias mantidas com enorme combatividade, mesmo frente as mais efetivas negações impetradas pela realidade imediata vigente.

Desse modo, fica evidente que os efeitos desse aspecto fundamental do ideário platônico seguem, em uma medida muito considerável, sendo mantidos. É importante chamar atenção para a palavra *invenção* usada por Nietzsche na passagem acima para tratar de algo que já não pode ser visto como inventado, pois não é objeto de questionamento nem tampouco visto como algo que tenha sido concebido por alguém e desde perspectivas específicas. Isso acontece porque tal invenção foi concebida sob o pretexto de ser *a pura verdade sobre a vida em todos os seus aspectos*. Não precisamos nos esforçar para perceber que aquilo que é tomado como verdade última dificilmente pode ser apontado como invenção, especialmente quando pensamos naqueles que aceitam e corroboram com a manutenção e o superdimensionamento de tais invenções. É, certamente, muito cômodo aderir ao discurso das certezas últimas que ainda vigora, já que traz segurança e bem estar ao retirar do indivíduo a necessidade de repensar constantemente a realidade em suas estruturas mais fundamentais, ao passo que não é nada fácil aceitar olhar para nossas perspectivas históricas sob

este prisma indicado por Nietzsche, pois implica uma grande modificação no modo como nos colocamos diante do mundo e diante de nós mesmos.

“*Viver e inventar* – Por mais longe que alguém leve seu autoconhecimento, nada pode ser mais incompleto do que sua imagem da totalidade dos *impulsos* que constituem seu ser: Mal conseguirá dar o nome dos mais grosseiros entre eles; o número e a intensidade deles, o fluxo e refluxo, o jogo recíproco e, sobretudo, as leis de sua *alimentação*, permanecem inteiramente desconhecidas para esse alguém”. (Aurora, af. 119. Nietzsche, 2004, pag. 91).

Com efeito, ao aceitarmos que nossas verdades mais veneradas podem não passar de invenções, possuindo um caráter ficcional intrínseco que outrora não podia ser percebido, poderemos, por conseguinte, aceitar uma desmontagem profunda de tudo o que nos constitui enquanto homens modernos, pensantes e existentes ao modo de Descartes que, nesse contexto, decai de arauto das ideias claras e distintas para mais um personagem que concebeu e desenvolveu perspectivas que, por acidente ou escolha, se tornaram centrais na realidade e no decurso histórico. Contudo, são, tanto quanto outras perspectivas que não foram valorizadas do mesmo modo, fruto da referida *invenção* platônica. A história da humanidade passa, então, a receber um olhar desmistificado e desmistificador, que desmascara e enxerga o cenário desde o qual cada movimento compreensivo foi efetivado como uma perspectiva finita, limitada e passível de ser vista como equivocada por corroborar com um erro primordial. Mas longe de ver de modo pessimista o fato de estarmos de antemão limitados à perspectivas, Nietzsche fala destas como uma espécie de *novo infinito*, vejamos:

“*Nosso novo ‘infinito’* – Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem ‘sentido’ (*Sinn*), não vem a ser justamente ‘absurda’ (*Unsinn*), se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente *interpretativa* – isso

não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e auto-exame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e *apenas nelas*". (GC, Af. 374, Nietzsche, 2001, pag. 278).

Decorre desse contexto a possibilidade de – ao reconhecermos nossas concretizações históricas como perspectivas finitas que podem ser transpostas e, em muitos casos, superadas a partir de outras perspectivas, e considerando que nossa existência se dá unicamente a partir de interpretações advindas de perspectivas – irmos além da aceitação passiva das instituições erigidas ao custo de sacrificar uma infinidade de perspectivas outras que não prosperaram por serem, de antemão, relegadas ao lugar de *mentiras, erros*.

Nesse confronto com os balizadores da cultura moderna, Nietzsche busca a superação desse quadro através das críticas feitas por ele à moral cristã, pois esta moral está impressa em nosso DNA por ser o manancial desde o qual retiramos boa parte das formas de ver o mundo e a nós mesmos que ainda vigoram nas práticas corriqueiras e vitais. Ou seja, a moral cristã é uma grande fonte de nossos *preconceitos*.

“Uma moral pode ter nascido de um erro: ainda com esta percepção o problema de seu valor não chega a ser tocado. – Até agora, portanto, ninguém examinou o valor do mais célebre dos medicamentos, que se chama moral: isso requer; antes de tudo – *pô-lo em questão*. Muito bem! Este é justamente o nosso trabalho”. (GC, af. 345, Nietzsche, 2001).

Segundo a passagem acima, é preciso ir além da percepção de que a moral é fruto de um erro, pois apesar dessa percepção já ser um avanço na superação da fé inabalável nas premissas da moral vigente, é preciso ir mais fundo na questão.

Indicar que a moral foi concebida como um medicamento é um recurso irônico de Nietzsche para se referir ao fato de, ao modo como fora efetivada, a moral servir como meio de remediar o medo sentido pelos seus conceptores de enfrentar o fato de a realidade não se apresentar de modo dócil diante dos enquadramentos aos quais é submetida.

Com efeito, ao nos permitirmos desmascarar os valores forjados para serem eternos, poderemos abrir caminhos para irmos além dos *preconceitos* que fundamentam tais valores como verdades absolutas. Contra isso, Nietzsche se esforça para demonstrar que estes valores instituídos precisam ser vistos como *perspectivas* que passam longe de serem absolutas, sendo apenas tomadas como absolutas, possuindo, supostamente, um valor ontológico indevidamente atribuído. Destarte, para lançarmos as bases de novos horizontes de sentido e deixarmos pra trás a sujeição aos modelos previamente estabelecidos encarados como moralmente verdadeiros, é preciso reconhecer nossas práticas corriqueiras como perspectivas que são admitidas de modo antecipado quanto às experiências e, com isso, se tornam conceitos prévios, elementos aceitos de antemão, ou seja, *pré-juízos* travestidos de verdades inquestionáveis. Esta tarefa é assumida pelo pensador alemão aqui abordado, e se efetiva a partir de estratégias bastante peculiares que serão sucintamente levantadas a seguir com vistas à demonstrar mais claramente *a moral como preconceito*.

#### **IV - A moral como *preconceito***

“A meu ver, pode-se legitimamente caracterizar a filosofia de Nietzsche, em linhas gerais, como um ousado esforço teórico para levar a cabo uma crítica radical das formas superiores de cultura no Ocidente, que são por ele interpretadas como produto e superfície de reflexão do tipo histórico-cultural constitutivo do homem moderno”. (GIACÓIA, 1997, p. 14).

Com esta valiosa afirmação de Giacóia, fica patente que a problemática assumida por Nietzsche se move, como já indicamos acima, buscando penetrar nas cristalizações efetivadas no interior do processo

histórico e, por serem subjacentes, se tornaram inquestionáveis, só podendo ser acessadas por um olhar apurado que seja capaz de romper a superficialidade sem o temor de ultrapassar o território seguro das certezas dadas. Para seguir de perto as provocações de Nietzsche e enveredarmos pelos *Labirintos da albedo* homem moderno, precisamos resistir e não nos deixarmos seduzir pelo encanto de aderir a certezas dadas, o que, como já indicado acima, nos levaria a seguir como representantes e reprodutores, muitas vezes inconscientes, da moral vigente. Segundo Nietzsche, nossos sentimentos foram deturpados pelas imposições morais a tal ponto que ao expressarmos aquilo que nos é mais íntimo, acabamos reproduzindo preconceitos morais internalizados. Vejamos isso mais de perto.

“Os sentimentos e sua derivação dos preconceitos – confie no seu sentimento!” – Mas sentimentos não são nada de último, nada de original; por trás deles estão juízos e valorações, que nos são legados na forma de sentimentos (inclinações, aversões). A inspiração nascida do sentimento é neta de um juízo – frequentemente errado! – e, de todo modo, não do seu próprio juízo!”. (Aurora, Af. 35, Nietzsche, 2004, pag. 35).

Com a passagem acima, Nietzsche mais uma vez denuncia nossa ingenuidade, pois com nosso aparato racional e cognitivocostumamos ostentar a pretensão de compreender plenamente a nós mesmos e o mundo a nossa volta, mas na verdade isto é apenas reflexo de perspectivas que estão ao fundo, subjacentes, depondo contra a autonomia e liberdade que se pretende atingir através dos instrumentos racionais. Com efeito, é importante assumir que nossos juízos muitas vezes nem sequer são nossos de fato, apenas ecoamos vozes advindas do passado e entranhadas nos recantos mais insuspeitos de nossa alma. Podemos, com isso, ter em vista a dimensão do desafio diante do qual Nietzsche nos coloca e podemos, nesse sentido, reconhecer a nós mesmos através de nossos mais insuspeitos *preconceitos*. Desde que nos permitamos, poderemos enxergar em cada fala e convicção que expressamos um traço das crenças morais que nos

impulsionam, mobilizam e nos fundamentam. Mas para conseguir lançar o olhar para além das determinações morais que nos fundamentam é necessário uma característica que Nietzsche nomeia como *extemporaneidade*.

## **V - Extemporaneidade e *pré-juízo***

Com sua linguagem metafórica que transita entre a sutileza na implementação de algumas estratégias e a agressividade, Nietzsche nos deixou pistas marcantes para pensar a noção de extemporaneidade. Esta noção se dá quando nos encontramos na situação e conseguimos distanciamento, ou seja, estamos dentro mas conseguimos ter um olhar como que de fora do contexto. Exemplo disso aparece em *A gaia ciência*, no aforismo 125 onde Nietzsche narra os questionamentos de alguém exatamente na situação de extemporaneidade, por estar dentro mas lançando questionamentos que se mostram muito além da percepção imediata dos que o circundam, tais questionamentos são mal recebidos por parecerem descabidos.

Assim, quando o personagem extemporâneo questiona aos que se encontram a sua volta sobre onde é possível encontrar Deus, todos riem dele, considerando-o um louco, em seguida o interpelador faz uma afirmação que, embora pertinente para o contexto, não pode ser percebida pelos olhares de seus pares, pois estes se dão de modo enviesado pelos fundamentos preconceituosos e calcados na moral vigente. Daí o extemporâneo anuncia que Deus está morto! Em seguida, diante da perplexidade dos ouvintes, o personagem extemporâneo e louco aos olhos e ouvidos dos demais, expõe o que nos parece uma constatação:

“Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempo, os atos mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos”. (GC. Nietzsche, 2001, p. 148).

As palavras da passagem acima extraída de *A gaia ciência*, nos encaminham para a compreensão do que Nietzsche parece apontar com relação ao termo extemporâneo: a condição de ir além do lugar onde se encontra sem, contudo, deixar de estar envolvido com o contexto no qual se encontra de modo imediato. Desse modo, só é possível lidar profundamente com as noções, apurando o olhar para o que nos antecede e fundamenta enquanto práticas legitimadas, como nossos pré-juízos tornados preconceitos em sua acepção mais pejorativa, sem que nos demos conta, estando dentro e ao mesmo tempo fora de um contexto situacional. Estando em determinado lugar, se vendo enredado a certas noções e buscando, desde esta condição, olhar além do imediato, podemos modificar o modo de nos relacionarmos com as determinações que nos limitam a ver o mundo apenas sob uma ótica que nos ampare e assegure. Eis uma condição curiosa e muito importante, que se dá sob a condição de nos retirarmos de uma situação sem precisar estar afastados fisicamente.

A explanação sobre a noção de extemporaneidade é fundamental para evidenciar que Nietzsche está atento ao fato de ser inviável lançarmos mão de uma superação no sentido de arrancarmos-nos de uma situação completamente e nos colocarmos totalmente de fora quanto ao que nos orienta histórica e contextualmente, caso isso fosse possível seria como se, a exemplo do personagem de *As aventuras do barão de Munchhausen*, alguém que estivesse se afogando pudesse se livrar do afogamento puxando a si mesmo pelos cabelos. Ou se, a exemplo do que nos indica Luiz Roberto Cairo no título de seu escrito sobre o discurso crítico de Araripe Júnior, pudéssemos *saltar nossa própria sombra*. Só podemos ir além de nós mesmos e do que nos dá o alicerce para ser o que somos a partir da assunção profunda da nossa condição de impelidos pelos pré-juízos que nos antecedem. Mas, como já indicado acima, nosso desafio não pode ser plenamente atingido com facilidade, pois

“A força dos preconceitos morais penetrou profundamente no mundo mais espiritual, aparentemente mais frio e mais livre de pressupostos – de maneira inevitavelmente nociva,

inibidora, ofuscante, deturpadora. Uma autêntica fisiopsicologia tem de lutar com resistências inconscientes no coração do investigador, tem 'o coração' contra si: já uma teoria do condicionamento mútuo dos impulsos 'bons' e 'maus' desperta, como uma mais sutil imoralidade aversão e desgosto numa consciência ainda forte e animada – e mais ainda uma teoria na qual os impulsos bons derivem dos maus". (ABM, Nietzsche, 1992, pag. 29).

Acentuando as dificuldades de atingir o êxito com os objetivos buscados, Nietzsche chama atenção para o tamanho da escavação necessária para colocar à mostra os alicerces que amparam os juízos de valor moralmente válidos, que a esta altura podemos ver como *preconceitos*. Como é possível verificar na passagem logo acima, os valores morais, revertidos em *preconceitos*, foram introduzidos lentamente de modo que se encontram implantados tão forte e simbioticamente em nós que se torna difícil se dar conta dos mesmos, o que torna a tarefa de ir além dos mesmos algo penoso, difícil. Tal dificuldade nos coloca diante de uma constatação inevitável que Nietzsche faz questão de salientar: o homem moderno é constituído por estes *preconceitos*, sua estrutura mais profunda é fruto dos equivocados arroubos metafísicos, por isso na passagem acima o filósofo afirma que o intérprete da realidade, para alcançar a condição de um olhar extemporâneo, precisa lutar frontalmente contra si mesmo, contra suas certezas mais íntimas que muitas vezes são professadas de modo inconsciente, até certo ponto é preciso negar a si mesmo em prol de uma visada mais aprofundada que vá além das fórmulas instituídas como corretas. Com isso, é possível que passemos a lidar com as dicotomias estabelecidas para designar o que é bom e o que é mal sem que estas instâncias sejam plenamente excludentes e definitivas, percebendo que 'os impulsos bons derivam dos maus'.

Ao tomar pé de parte dos desafios correspondentes aos pleitos do núcleo nevrálgico do pensamento nietzschiano, é importante notar que a atitude extemporânea deve se voltar para elementos tomados como óbvios no cotidiano, pois as pistas para atingir o caminho para o núcleo central dos

valores são vistas através de sinais que, embora nem sempre sejam claros aos olhos ainda ofuscados com as premissas instituídas, dão testemunho de que podemos tirar proveito de diversos aspectos de nosso cotidiano. Nesse sentido, Nietzsche chama atenção para algo que nos conecta com possibilidades diversas de experimentar nossa existência: a nossa linguagem. A linguagem expressa através de palavras pode nos abrir perspectivas outras quanto ao entendimento de nossas vivências, pois as

## **VI – Considerações finais**

Com efeito, o enfrentamento de Nietzsche quanto às verdades cristalizadas se dá marcadamente com o uso do exercício genealógico que visa evidenciar os conteúdos subjacentes relativos a história, cultura, podendo até mesmo serem aplicados com relação ao próprio ser humano, por este se constituir fundamentalmente de pré-juízos tornados preconceitos pretensamente invioláveis. Com isso, Nietzsche enfrenta os riscos inerentes a retirada dos balizadores estruturais da cultura moderna, colocando à mostra conteúdos que embasaram boa parte da história da humanidade. Daí surge o problema do sofrimento frente a falta de sentido, pois sem as certezas que nos norteiam somos lançados a responsabilidade de lidarmos com a ausência de parâmetros tranquilizadores, surge, então, a angústia da liberdade em lidar com as perspectivas desde as quais puderam ser instituídos os valores.

Desnudando crenças protegidas pelo véu das certezas inquestionáveis, Nietzsche não parece buscar apenas efetivar uma negação quanto à necessidade de mantermos algumas crenças, mas nos cabe perceber o caráter limitado, provisório e, portanto, finito das mesmas. Estamos no mundo em grande medida pautados por crenças, valores, perspectivas, mas estes não devem ser encarados de modo absoluto.

Quando falamos e expressamos convicções, estamos confessando, involuntariamente, crenças morais (*pré-juízos, preconceitos*) que nos fundamentam. Portanto, para Nietzsche, a utilização de conceitos e crenças que nos antecedem não configura um problema imediato, seu aparato crítico

se volta contra a absolutização e inquestionabilidade dos mesmos. Essa atitude configura este grande erro que se perpetuará enquanto não nos lançamos a transpor a barreira da segurança cega e das certezas prévias que se mostram em nossos *preconceitos morais*.

A moral nos antecede, é um conteúdo subjascente em nós, pois sempre falamos desde a moral vigente em nossas práticas imediatas, de nossas falas cotidianas. Não faria sentido lidarmos com o pensamento de Nietzsche sem lançar mão do pertencimento histórico no qual estamos enredados sempre, pois isso resultaria em uma fala forjada nas fronteiras transcendentais e a-históricas que podemos encontrar em boa parte da obra de Kant, que apesar de nos legar algumas lacunas que abrem outras vias para repercutir suas questões, grosso modo, presume a existência de uma estrutura transcendental como pré condição do humano, o que ensejaria uma queda na fábula subjetivista tão amplamente questionada, desbalizada e, por que não, implodida por Nietzsche e por tantos outros grandes filósofos. Evitando tal queda e enfrentando nossas questões a fundo poderemos nos colocar “distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele *pode-se ter perspectivas*”. (GC, Af. 374, Nietzsche, 2001, pag. 278).

### **Sobre o autor**

Weksley Pinheiro Gama é doutorando em filosofia pela UFRJ, mestre em filosofia pela UFES e licenciado em filosofia pela UFES. Atua como professor de filosofia nos níveis fundamental, médio e superior.

### **Referências Bibliográficas**

GADAMER, Hans Georg. **O problema da consciência histórica**; organizado por Pierre Fruchon; traduzido por Paulo César Duque Estrada – 2ed. – Editora FGV, 2003.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral**. Campinas, SP. Editora UNICAMP: 1997.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**; tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Estrutura formal e semântica do argumento autogenealógico em Nietzsche**; Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade; Volume 20, número 2. USP, 2015.

WADDINGTON, Claudius Bezerra Gomes. **Nietzsche e a arte de emancipar interpretando**; Revista Tempo Brasileiro, out.-dez. – número 143 – 2000 – Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. Trimestral, pag. 201 à 231.